

A IMAGEM DO NEGRO NOS CONTOS *MENINA VITÓRIA E MÃOS DOS PRETOS*¹

Thainá Aparecida Ramos de Oliveira²

Resumo: O preconceito existente na sociedade africana, fruto de uma visão estereotipada produzida no período colonial, é uma aspecto muito recorrente nas Literaturas destes países. Pensando nessas questões o presente estudo objetiva identificar os eixos norteadores do preconceito, tomando como *corpus* dois contos. Analisaremos o texto produzido em Angola por Arnaldo Santos, intitulado *A menina Vitória* (1977) e o conto moçambicano *As mãos dos pretos* de Luís Bernardo Honwana (1964). Esses textos foram escolhidos para análise por tratarem a temática do preconceito racial e a consciência multirracial.

Palavras-chave: literatura africana; preconceito; colonialismo.

Abstract: The prejudice existing in African society, the result of a stereotyped vision produced in colonial period, is recurrent feature in the literatures of these countries. Thinking about these questions, this work aims to identify the principles axis of prejudice. For it, we take two tales. We will analyze the text produced in Angola by Arnaldo Santos, entitled *Victory Girl* (1977) and the Mozambican tale *The hands of blacks* by Luis Bernardo Honwana (1964). These texts were chosen for analysis because they treating the theme of racial prejudice and multiracial awareness.

Keywords: African literature; prejudice; colonialism.

Correr os olhos despreziosamente pelas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, alvitra para produções cujo esmero gráfico e simbólico tem alcançado grande visibilidade crítica. Quando assumimos o papel não somente de leitores, mas também de críticos literários, o que nos chama atenção são os

¹ Artigo apresentado para a disciplina de “Literaturas Africanas de Língua Portuguesa”, sob a orientação dos docentes, Agnaldo Rodrigues da Silva e Vera Lucia da Rocha Maquêa.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Bolsista FAPEMAT/CAPES.



constantes resquícios dos processos históricos e culturais que permeiam as linhas e entrelinhas dos textos.

Pensando nessas questões, objetivamos, neste breve estudo, investigar dois contos africanos produzidos em espaços dicotômicos, mas que apresentam algumas similaridades. No interior das literaturas produzidas em Moçambique, escolhemos o autor Luis Bernardo Howana, com o conto *As mãos dos pretos*, incluído no livro *Nós matamos o cão tinhoso (1980)*, obra que discute diversos elementos sociais, como: o poder exercido nas colônias, a segregação racial e a posição do negro nessa sociedade. Em Angola escolhemos o conto *A menina Vitória*, localizado no livro *Kinaxixe e outras prosas (1981)*, do escritor Arnaldo Santos, que também discute a supremacia racial branca e a inferioridade dada ao negro.

Antes de adentrarmos especificamente em nossas investigações, faz-se necessário a abertura de parênteses para trazermos algumas inferências pertinentes para a compreensão das literaturas de língua portuguesa produzidas em África. Primeiramente, parte-se do princípio de que, ao enveredar por estas produções literárias, nos deparamos com o processo de formação de um povo e de uma nação. Devido a isso, torna-se relevante atentarmos para as marcas identitárias imbricadas em cada texto literário.

Ao perscrutar as trilhas da formação das literaturas africanas, nos deparamos com momentos dicotômicos em sua caracterização. Descortinam-se dois períodos: assimilação e conscientização. O primeiro caracteriza-se pela aceitação, por parte da colônia, das imposições vindas da metrópole; o segundo trata-se do processo em que os africanos adquiriram consciência crítica com objetivo de realizar reflexões sociais a partir de um espírito mais nacionalista.

Com base nos estudos sobre tais literaturas, podemos ainda dividi-las em três fases distintas. O primeiro momento corresponde ao período de alienação, ao passo que no segundo há abertura para a realidade, com temas



como negritude e outros aspectos ligados ao nacionalismo. Já o terceiro momento, é a fase em que o escritor abandona a visão alienada de seu meio e passa a exercer um espírito nacionalista com raízes mais fortes. Assim, após o momento da independência da África encontramos um acréscimo de outras questões para incitar a liberdade e preencher as lacunas deixadas pela colonização.

Sumariamente, esse quadro compreende a literatura colonial, nacional e pós-colonial. Na primeira, estão incluídos os autores cujos temas merecem destaque por tratar dos problemas da era colonial. Durante a fase nacional, os escritores discursaram a questão dos problemas existentes e objetivavam a formação de uma identidade nacionalista. Tem-se, nesse espaço, uma literatura de cunho político, na qual são incluídos autores que tiveram uma participação significativa na luta pela liberdade. Na literatura pós-colonial, havia a preocupação em relatar as experiências do processo pós-independência, uma vez que o passado é tomado como tema a fim de discutir fatores históricos que constituíram a realidade local. Vale salientar que, em maior e menor grau, no interior dessas fases sempre há uma consciência política.

O professor Benjamim Abdala Junior (2007), aponta que ao nos depararmos com as literaturas de Língua Portuguesa, estamos diante de uma tradição histórica e cultural que, conseqüentemente, sofreu processos de aproximações e diferenciações. Assim, baseado na discussão de Antonio Candido sobre sistema literário, Abdala formulou o princípio da dinâmica comunicativa entre as literaturas de Língua Portuguesa, o que ele chamou de *macrossistema*, este que ocorre pela aproximação dos *sistemas literários*, não somente pelo passado comum, mas também diferente. O estudioso afirma que:

a conceitualização desse macrossistema não é apenas operacional, no sentido de propiciar uma base para os estudos comparativos ou para apontar perspectivas de modelizações do imaginário político das tendências literárias engajadas numa visão de conjunto. É igualmente um critério



de estratégia política para somar forças e assim melhor situar as produções literárias de língua portuguesa no contexto internacional (ABDALA, 2007. p. 36)

Embora apresentem suas particularidades, as literaturas dos países de língua portuguesa fazem uma *ponte comunicativa* que permite acessar um mesmo *repertório* intelectual.³

Os PALOPs (Países africanos de Língua oficial Portuguesa) possuem particularidades históricas entre si em relação aos caminhos políticos traçados. Embora haja diferenças é possível encontrar, também, algumas questões semelhantes, pois, enquanto colônia, esses países tiveram as mesmas posições em que ao negro foi atribuído aspectos que o inferiorizava.

Ainda em relação ao pensamento de Abdala (2007), vale reforçar que pensar em *macrossistema* não é somente operacionalizar uma postura teórica e metodológica, ou seja, o comparativismo literário, mas, principalmente, pensar politicamente, uma vez que os elementos históricos e culturais estão imbricados nas análises das produções literárias.

No bojo dessa discussão emerge uma questão muito interessante quando estamos trabalhando essas literaturas. Referimo-nos à escrita em prol do social, o anseio do escritor em registrar os elementos circundantes da historicidade de um povo e de uma nação. Chamamos esse tipo de escrita de engajada, o que para Antonio Candido, seria uma literatura empenhada.⁴

Para falar sobre esses trabalhos de ênfase social, Abdala (2007) projeta algumas reflexões consideráveis. A primeira questão suscitada é o fato da

³ As palavras grifadas em itálico fazem parte das designações dadas por Benjamim Abdala Junior para falar sobre esse macrossistema.

⁴ Em seus trabalhos Antonio Candido analisa a literatura empenhada como sendo aquela em que o autor assume posições diante de um problema, ou seja; esse tipo de escrita parte de “posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas. São casos em que o autor tem convicções e deseja exprimi-las; ou parte de certa visão da realidade e a manifesta com tonalidade crítica.” (p. 183)

CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. P. 169- 191



condição de país subdesenvolvido não ser nenhum empecilho para a produção de uma boa literatura, pois as questões políticas e sociais podem estar imbricadas, desde que a matéria artística seja o foco.

À primeira vista, ele ressalta que:

o texto deve ter um dominante artístico, com um maior realce da série literária diante das outras (da filosofia, da sociologia, da política, da economia etc.). Melhor, a dominância da codificação artística deixa as das outras séries mais fundas, abrindo o texto para apreensões comunicativas informativas mais incisivas, capazes de modificar o público - leitor que poderia já conhecer, em superfície, o assunto do poema. (ABDALA, 2007. p. 75).

Podemos apreender dessa colocação que um texto literário socialmente empenhado deve, acima de qualquer outro artifício, evidenciar a matéria literária, pois a partir de um bom trabalho com as palavras é que o autor engajado conseguirá atingir o seu leitor. Vale ressaltar, que influenciar o público significa despertar a consciência social, política e, sobretudo, crítica. Nessa ótica, é importante falar sobre os diálogos mantidos entre os textos, ou melhor, sobre a intertextualidade, pelo caminho onde ocorre

uma reciclagem ideológica da cultura, isto é, (...) uma apropriação de um patrimônio coletivo mais amplo. É recurso de modernização literária e de democratização do discurso, perspectivas caras as nossas tendências literárias contemporâneas de ênfase social (ibidem. p. 83).

Como se pode ver, o intertexto, a comunicação que direta ou indiretamente se estabelece entre os textos, é o eixo que garante a união no plano do *macrossistema*. A respeito dos escritores engajados Abdala menciona que eles situavam sua escrita em um espaço mítico, dirigido ao povo, sempre buscando constituir o espírito nacionalista em um espaço que ainda era colonizado por Portugal. Na passagem seguinte, será possível perceber de maneira bem esclarecedora qual era a função de um autor de ênfase social dentro do *macrossistema* africano.



Os escritores engajados produziam dentro de um campo intelectual descolonizado. Não se dirigiam a um público colonial, mas (miticamente) a seu povo, representado pelo intelectual politicamente participante. Surgem assim as literaturas das nações africanas de língua portuguesa ainda sob o domínio colonial, ao contrário do que ocorreu em outros países africanos (ibidem. p. 101).

O anseio por nutrir na população o espírito nacionalista era o objetivo principal desses escritores. Para tanto, este desejo se dava através de meios de comunicação como jornais e revistas. No interior dessa questão, os partidos revolucionários e as lutas pela independência, foram componentes decisivos na formação das Literaturas produzidas em África. Assim, tais elementos apresentam-se como pontos essenciais para reflexão, no entanto, devido a abrangência do conteúdo, nos deteremos, aqui, a discutir somente os aspectos referentes a literatura produzida na colônia como forma de denunciar o preconceito existente em relação ao sujeito negro e a sua cultura. Como é sabido, o colonialismo foi responsável por criar estereótipos do africano, sempre visto através de uma perspectiva preconceituosa e de submissão racial. Resultante disso, aos negros foi atribuída uma inferioridade nos aspectos biológico, mental entre outros.

Pensando nesse aspecto, lembremos do autor Peter Burke (2004) e o seu texto *Estereótipos do Outro*, em que disserta sobre as imagens construídas ao longo da história a respeito daquilo que é tido como diferente da nossa própria cultura, questão que suscitou o interesse de inúmeros historiadores, resultando em trabalhos paralelos com os estudos da identidade cultural e encontros entre culturas.

As visões estereotipadas e, portanto preconceituosa sobre a África, foi tida como um argumento para o processo de colonização, ou seja, o europeu deveria colonizar esses povos para que eles saíssem do estado de barbárie e tornassem agentes civilizados.



Todos esses elementos, até aqui discutidos, podem ser observados nos contos que escolhemos para compor o corpus deste trabalho. Após essas inferências feitas acerca das literaturas de língua portuguesa produzidas em África, passaremos, em seguida, a analisar cada uma das obras separadamente, para que no final possamos aproximá-las.

As mãos dos pretos- Luiz Bernardo Honwana

Nascido em Maputo, Moçambique, Luís Bernardo Honwana estudou jornalismo e participou de forma ativa da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO)⁵. Esteve preso durante três anos devido a sua atuação como militante. Após a conquista da independência das terras moçambicanas, Honwana assumiu um importante cargo no jornalismo e no funcionalismo público, em destaque sua atuação como Secretário de Estado e Cultura. No âmbito literário, em 1964 escreveu a obra *Nos matamos o cão tinhoso*, composta pela união de sete contos que apresentam uma análise sobre a época colonial. Neles, podemos perceber questões como: segregação social e o preconceito arraigado. Não é por acaso que o livro foi considerado uma obra emblemática na literatura moderna africana. É do interior deste livro que retiramos o conto *As mãos dos pretos*.

Neste texto, o autor utiliza uma parte do corpo humano para falar sobre uma problemática geral. O elemento utilizado é bastante significativo, pois se formos analisar sob uma perspectiva simbólica, o *Dicionário de símbolos* (2002) de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2002) dirá que “as mãos exprime a ideia de atividades, ao mesmo tempo que as de poder e dominação” (p. 509). Essa parte da anatomia humana é inserida na obra para representar todo o problema do preconceito existente em relação ao negro; trata-se do eixo que

⁵ A *Frente de libertação de Moçambique*, iniciou-se como um movimento nacionalista, mas que aos poucos tornou-se um partido político que pregava um movimento nacionalista para a liberdade da colônia.



conduz a crítica do texto, por onde serão discutidas questões importantes para a compreensão da sociedade africana como um todo e não só de Moçambique.

A palavra “preto”, inserida no título do conto, acarreta de modo intencional um sentido pejorativo, pois traz consigo uma carga preconceituosa formada entorno da figura do negro. Por meio das mãos dos pretos o autor discute sobre as imagens construídas durante o período colonial, em que se exaltava a figura do português em detrimento da figura do nativo.

Neste conto, temos a imagem de uma criança que questiona algumas pessoas sobre o motivo de as mãos dos negros possuírem as palmas com um tom mais claro. Assim, o preconceito desfila nas respostas dadas à pergunta feita pelo menino. A criança com sua curiosidade nata é usada neste texto não apenas para questionar sobre a cor das mãos, mas, sobretudo, para falar sobre a situação do negro.

Visualiza-se uma questão muito forte da cultura africana, a tradição oral. Quando o menino interroga os adultos, estes buscam na memória algo que possa explicar a indagação. As respostas vêm no sentido de refletir sobre os elementos construídos pelos colonizadores e que passaram a habitar o imaginário popular.

O conto tem início com uma criança reportando ao que dissera o professor sobre os motivos das palmas das mãos dos pretos serem mais claras do que as demais partes do corpo. Nas palavras do professor elas são mais claras “porque ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas no chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo” (HONWANA, 1980). Percebe-se, nessa explicação, alguns elementos que nos faz relacionar com a Teoria Evolucionista do cientista Charles Darwin. Segundo esta teoria, os seres vivos teriam sua evolução a partir de um ancestral comum, isso quer dizer que somos frutos de um processo de evolução originados do macaco. Esse princípio foi



utilizado pelo colonizador para inserir o negro no processo primário da evolução, o que significa colocá-lo mais próximo dos animais e, com isso, classificá-los como seres incivilizados e bárbaros.

O Evolucionismo foi muito combatido pelos membros ligados à religião. Assim, tem-se a explicação do “Senhor Padre” que diz “que isso era assim porque eles, às escondidas, andavam sempre de mãos postas, a rezar”. Essas explicações causam, na criança, um tom de piada, suscitando o aumento de sua curiosidade. De qualquer modo deseja obter uma explicação satisfatória para o seu questionamento.

Dona Dolores explica que: “Deus fez-lhes as mãos assim mais claras para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deva ficar senão limpa” (ibidem). Nessa passagem nota-se implicitamente a relação de escravidão a que fora submetidos os negros ao longo de sua história e a inferioridade atribuída a eles em relação ao branco.

O Senhor Coca-cola afirma a não verdade das explicações anteriores e a certeza de sua afirmação, assim ele narra:

Antigamente, há muitos anos, Deus Nosso Senhor, Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro, muitos outros santos e todos os anjos que nessa altura estavam no céu e algumas pessoas que tinham morrido e ido para o céu, fizeram uma reunião e decidiram fazer pretos. Sabes como? Pegaram em barro, enfiaram-no em moldes usados e para cozer o barro das criaturas levaram-nas para os fornos celestes; como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum, ao pé do brasido, penduraram-nas nas chaminés. Fumo, fumo, fumo e aí os tens escurinhos como carvões. E tu agora queres saber por que é que as mãos deles ficaram brancas? Pois então se eles tiveram de a agarrar enquanto o barro deles cozia?!... (ibidem).

Por meio de um discurso que utiliza elementos ligados a religião, vemos claramente o racismo. Ao “decidir fazer pretos”, houve um processo de molde



no barro e isso nos faz remeter ao texto bíblico em que Deus, a partir de uma estátua de barro, criou o homem.

O “Senhor Frias” apropria-se de um argumento baseado no discurso divino na qual é expressa a posição secundária do negro:

Deus acabava de fazer os homens e mandava-os logo tomar banho num lago lá do céu. Depois do banho as pessoas estavam branquinhas. Os pretos, como foram feitos de madrugada e a essa hora a água do lago estivesse muito fria, só tinham molhado as palmas das mãos e as plantas dos pés, antes de se vestirem e virem para o mundo (ibidem).

O menino, narrador, recorda no decorrer das explicações que lhe fora sendo narradas, de uma passagem lida no livro, que dizia: “que os pretos têm as mãos assim claras por viverem encurvados, sempre a apanhar o algodão branco de Virgínia e de não sei onde”. Dona Estefânia discorda da criança e sugere que as palmas das mãos possuem essa tonalidade por “desbotarem à força de tão lavadas”. As palavras dessa personagem remete à ideia de servidão expressa na fala de Dona Dolores em que as mãos deveriam ser lavadas para não sujar as comidas dos brancos, ou seja, aqui os negros são caracterizados como seres sujos, e sempre colocado na condição de submisso a alguém.

A última explicação trazida no conto é a da mãe do menino que para ele é a opinião mais acertada.

Deus fez os pretos porque tinha que os haver. [...]Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e não os pudesse fazer ficar todos brancos porque os que já se tinha habituado a vê-los pretos reclamariam, fez com que as mãos ficassem exactamente como as palmas da mãos dos outros homens. E sabes porque é que foi? Claro que não sabes e não admira porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem, é apenas obras dos homens... Que os homens fazem, é feito por mãos iguais, mãos das pessoas que se tiverem juízo sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido ao pensar assim que Ele fez com que



as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos (ibidem).

O conto situa-se, historicamente, no momento em que Moçambique ainda estava sob o domínio português, o que interferiu no modo de vida da população que buscava constituir sua identidade. A procura do menino por uma resposta que satisfaça a sua indagação torna-se uma grande metáfora do povo assimilado que passou a questionar a sua própria condição.

Nota-se que cada uma das respostas não têm o sentido encerrado no plano da superficialidade, muito pelo contrário elas carregam uma complexidade histórica do povo africano. Todas as argumentações dissimulam a verdade e colocam em evidência a inferioridade negra. No entanto, na fala da mãe percebemos certa aproximação entre o branco e o negro, resposta que mais satisfaz a criança e, ao mesmo tempo, é a que mais provoca reflexão. Antes de responder, a figura materna dá muitas risadas sobre as colocações do menino e após sua resposta, chora. A imagem do riso precedido do choro instaura um momento de reflexão, pois o menino se mostra satisfeito, vai brincar, mas questiona o fato da mãe estar chorando.

Podemos dizer que o momento do riso ao choro demonstra a força da colonização que esmaga o colonizado através da violência e do princípio da inferioridade. O preconceito no conto é constituído de maneira gradativa em que podemos ver diversos segmentos da sociedade narrando uma explicação, de modo que fica notório o estereótipo da supremacia da raça branca em relação ao negro.

A menina Vitória- Arnaldo Santos

Nascido em Luanda, capital de Angola, Arnaldo Santos possui em seu histórico uma intensa atividade cultural. Atuou como jornalista, colaborador de revista e no que tange a produção literária, encontramos um escritor que perpassa pelos diversos gêneros que compõe a literatura, ou seja, é autor de



poesias, crônicas, contos e romance. Deve-se salientar o fato de ele ser o membro fundador do UEA (União dos Escritores Angolanos), uma associação independente composta por personalidades literárias.

O escritor conta em sua trajetória com diversos livros, mas o que cabe a nós comentarmos é *Kinaxixi e outras histórias*, pois é dele que extraímos o conto que analisaremos. Esse livro foi publicado em 1981 em que situa-se uma grande preocupação com questões da linguagem, tanto no sentido da escrita de seus textos, colocando em muitos casos a mescla entre o Português e o Kimbundo, quanto a temática.

Nessa direção, encontramos o conto *A menina Vitória* publicado no ano de 1965 e ambientado em uma Angola do período colonial. O enredo inicia com a decisão dos pais de Gigi em colocá-lo em um colégio cujos padrões estão ligados ao mundo europeu. Ao decidir transferir a criança para outra escola, os pais almejavam um futuro promissor para o menino, isso significava separar a criança de seus amigos do musseque e, portanto, distanciar do seu linguajar e da sua cultura.

Ao negar a forma de falar do menino os pais assumem uma postura discriminatória em relação a sua língua e, conseqüentemente, sua cultura. Em um artigo publicado na revista *Ecos*, intitulado *A (re) construção da identidade na obra “Eu e a sombra da figueira da Índia”, de Alberto Oliveira Pinto* (2011), a autora Erica Antunes Pereira traz em rodapé uma nota explicativa em que o autor da obra de sua pesquisa elucida através de um e-mail o fato da mãe o impedir de usar a língua dos negros.

Acho que a minha mãe via no kimbundu algo de exótico, mas ao mesmo tempo manifestava receio por ser a língua do Outro. Ainda hoje ela insiste em dizer que os jardineiros se recusaram a ensinar-me o kimbundu para que pudesse ter conversas sem ser compreendidos pelos brancos. Talvez parcialmente tenha razão, mas creio que o motivo principal é outro: eles não me ensinavam o kimbundu porque estavam proibidos de ensiná-lo aos próprios filhos, muito menos o



iam ensinar ao mona mundele (o filho do branco). Que te parece? Além disso a minha mãe, como todas as mães brancas, não gostava que os filhos falassem 'à preto' (era esta a expressão que usavam). Eu era corrigido, em casa e na escola, para não abrir as vogais nem falar cantado, isto é, para não falar com o meu sotaque. Tínhamos que falar como na metrópole, que era o 'correcto'. Isto aconteceu com muitos angolanos. Aliás há um conto de Arnaldo Santos muito interessante sobre o assunto, A Menina Vitória.

Percebe-se, deste modo, que havia uma grande exaltação da metrópole no que tange a língua e questões culturais. Nesta direção, o professor Benjamin Abdala Junior (2007) ressalta que:

O ensino do registro oficial da língua, como também ocorreu no Brasil, era uma forma de inculcação da norma (e dos valores que ela carrega) apropriado pela ideologia dominante. E a escola limita-se, nessas condições, pois além de não questionar esses padrões linguísticos, inculca-os no aluno para que ele reconheça a norma oficial como única “legítima” (p.89).

A escola atuava de acordo com estilos de vida do colonizador e, portanto, agia de forma opressiva, deixando de lado a cultura do negro. Assim, a instituição escolar nada mais era do que um instrumento usado pelo colonizador para garantir seu poder e supremacia.

A materialização da opressão é dada através da personagem homônima ao conto, menina Vitória, que era a professora da 3ª classe caracterizada como “mulatinha fresca e muito empoadada que tinha tirado o curso da Metrópole”. A professora encontra-se na confluência entre dois mundos; o Português e o Africano, pois, embora de natureza africana, ela teve sua formação aos modos da metrópole.

A menina Vitória possui atitudes opressoras e discriminatórias, como podemos observar em algumas passagens, sobretudo nos trechos que faz referência ao personagem Matoso.



Vergado na cadeira, não tirava os olhos do livro, nem mesmo quando a menina Vitória se referia a ele, quase sempre com desprezo, ao recriminar outro aluno. “Pareces o Matoso a falar...”, “sujas a bata como o Matoso...”, “Cheiras a Matoso...”- e ele guardava-se cada vez mais a carteira, transido por aqueles comentários impiedosos (SANTOS, 1981, pg. 33).

O menino Matoso é o responsável por apresentar os elementos da cultura negra e por esse motivo é ridicularizado e discriminado pela professora. Gigi se vê refletido no colega Matoso e para não sofrer as mesmas atitudes preconceituosas, tenta se manter invisível na escola.

Nas suas redações vagueava então tímido sobre as coisas, com medo de poisar nelas, decorava os nomes das arvores, das aves, dos jogos descritos nos seu livro de leitura. Procurava esquecer o colorido vivo das penas dos maracanhões, dos gungos, dos rabos-de-junco que ele perseguia na floresta e cujo canto escutava trêmulo atrás dos maxitos, o sabor ácido dos tambarinos que colhia sedento, o suor e o cansaço das longas caminhadas pelas barrocas, emoção dos seus jogos de atreza e cassumbula. Imitava passivamente a prosa certinha do gosto da menina Vitória. Esvaziava-a das pequeninas realidades insignificantes que ele vivia, das suas emocionantes experiências de menino livre, agora proibidas e imprestáveis. (ibidem, pg. 34).

Essa passagem do conto é bastante significativa, visto que o personagem demonstra estar entre dois mundos, ou seja, ao mesmo tempo que procura assimilar a cultura do colonizador ele se encontra ligado às questões da cultura do seu povo. A necessidade de assimilação dos modos de vida da metrópole faz com que o menino afaste de Matoso, isso significa que Gigi se vê obrigado a manter distância da sua raiz por medo de enfrentar a professora e assumir a sua identidade.

Tenho que andar pouco com ele, pensava preocupado o Gigi. A professora pode virar-se contra mim. E fugia, afastava-se também da sua companhia, deixando-o abatido, solitário, dentro das suas ruínas. Tinha medo de enfrenta-la. Precisava de o dissimular para que não fosse destruído . “Mulatona...nem cabrita é...” –insultava-a furioso á tardinha



quando regressava a casa. E até à noite, descalço, gritava pelo bairro junto dos seus camaradas do Kinaxixe a sua juventude ameaçada, correndo, bassulando, assaltando as quitadeiras de quitetas. (ibidem, pg. 35).

O personagem busca absorver ao máximo os ensinamentos da menina Vitória para não ser ridicularizado, mas o final do conto é frustrante para o personagem Gigi que, apesar de tudo o que fizera, acaba não obtendo reconhecimento da professora.

Essa passagem traz uma carga ideológica muito forte, pois Gigi precisava escrever um texto sobre uma figura importante do governo e para isso ele procurou utilizar os adjetivos usados pela professora, no entanto, deixa escapar um “tu” para referenciar a personalidade política. Esse episódio torna-se algo inadmissível para a docente, e com isso percebemos também a questão da hierarquia e da supremacia política que a menina Vitoria sempre procurou externar a respeito do colonizador, isto é, daquele que controlava politicamente e socialmente seu país.

A temática desenvolvida nesse conto analisa não somente a questão educacional durante a colônia portuguesa, mas também tece uma análise sobre o preconceito fruto da colonização e, sobretudo, fruto dessa inferioridade que sempre foi dada ao negro.

Considerações finais

Após um breve caminhar por Moçambique e Angola, através dos contos *A menina Vitória* e *As mãos dos pretos*, pudemos inferir algumas similaridades que circundam os contos. À primeira vista, salta aos nossos olhos a crítica exalada pelos textos, ou seja, o preconceito pela figura do negro. Ambos os contos estudados utilizam a imagem da criança e seu universo de pureza e inocência para discutir questões importantes da sociedade africana.

Assim, o leitor toma conhecimento de aspectos da história dos países nos quais foram produzidos, que auxiliaram na crítica à ideologia do sistema



colonial. É no interior dessa discussão que podemos compreender que não há como falar de uma literatura africana sem levarmos em consideração o processo colonial.

Albert Memmi produziu um trabalho muito significativo para pensar a questão do colonialismo. Em *Retrato do Colonizado Precedido do Retrato do Colonizador* (1977), não limita o colonialismo simplesmente aos aspectos econômicos, mas traz os demais agentes participativos para o interior da sua discussão. Nesse sentido, ele afirma que o colonizador vai;

a colônia porque nela as situações são garantidas, altos os ordenados, as carreiras mais rápidas e os negócios mais rendosos. Ao jovem diplomata oferece-se um posto, ao funcionário uma promoção, ao comerciante reduções substanciais de impostos, ao industrial matéria-prima e mão-de-obra a preços irrisórios. (MEMMI. 1977. p. 22)

Para o referido estudioso o colonizador é visto como uma espécie de exilado que vê nas colônias uma possibilidade outra de crescimento. No interior do processo colonial, afiguram-se alguns elementos de natureza econômica, cultural, institucional que regula a vida do colonizado. Esses valores vão sendo difundidos e constituem o imaginário estereotipado do negro, dito de outra forma, o colonizador difundiu uma imagem de superioridade que propicia o preconceito.

O que avulta nessas questões é que a vida do colonizador se dá em contraposição a vida do colonizado, pois,

Se seu nível de vida é elevado, é porque o do colonizado é baixo; se pode beneficiar-se de mão-de-obra, de criadagem numerosa e pouco exigente, é porque o colonizado é explorável impunemente e não se acha protegido pelas leis da colônia; se obtém tão facilmente postos administrativos, é porque esses postos lhe são reservados e porque o colonizado deles está excluído; quanto mais respira à vontade mais o colonizado sufoca (Ibidem. p.25).

Essa ideia comunga com a visão Frantz Fanon (1979) em *Os condenados da terra*, ao afirmar que a ambiência da colonização ocorre em um



mundo cindido em dois, que se organiza em compartimentos, ou seja, as condições de vida dos nativos da colônia não são as mesmas dos metropolitanos, tanto na estrutura do seu meio, quanto no princípio da inferioridade. Memmi (1977), ao discutir a figura do colonizado, aponta dois polos distintos, pois, ao mesmo tempo que este se mostra insatisfeito com a sua condição, acaba por aceitar as imposições do colonizador. Para Fanon (1979), a partir do momento que essas fronteiras são quebradas, o colono resolve sair da condição de assimilado e, com isso, inicia-se o processo de descolonização, que vale dizer, não é um processo pacífico.

Esses elementos são descortinados pelos contos que analisamos, pois em ambos os textos encontramos escritores ambientados em dois mundos, o que quer dizer: escrevem através da língua do colonizador, mas utiliza essa mesma língua como arma para a luta contra a colonização. No entremeio desse discurso, vemos emergir o momento em que o assimilado toma consciência de ser um dominado e passa a questionar a sua existência e buscar uma identidade nacional.

No primeiro texto que analisamos tem-se um narrador no anonimato dialogando com os adultos a fim de compreender um elemento simbólico do racismo. Vários segmentos da sociedade narram o que é sabido a partir do discurso religioso, empírico e científico; que desnuda a supremacia racial branca enraizada desde os tempos coloniais. No segundo conto, a partir de uma narração em terceira pessoa o leitor toma conhecimento da história de Gigi que ao ser transferido para outra escola passa a visualizar e vivenciar o preconceito.

Desta maneira, ambos os textos dialogam com o período colonial e evidenciam as anomalias enraizadas neste momento da história dos países africanos. Embora apresentem enredos diferentes, os textos comunicam entre si na medida em que no interior de ambos parece ecoar a mesma voz negra que denuncia o preconceito sofrido.



Trazendo novamente o professor Benjamin Abdala Junior (2007) para discussão, observa-se que a ênfase para o social é levada em consideração para discutir o trabalho artístico das literaturas de língua portuguesa. Há um trecho do livro *Literatura, história e política* (1989) que sintetiza o que foi discutido até agora, vejamos:

A situação da criouldade resultou do processo histórico das ex-colônias de Portugal, dentro de uma dialética entre simples assimilação dos padrões metropolitanos e de uma reação a sua práxis autoritária. A antiga metrópole sempre procurou impor sua política linguística e cultural. O processo de afirmação nacional, desde os primeiros tempos da colonização, trouxe formas de resistência a essa política, as vezes mais passivamente ou as vezes de forma aberta. Dentro dessas tensões, o polo dominante do processo esteve na, metrópole. Essa situação investiu-se de forma significativa com os movimentos de libertação nacional contemporâneos. Dialeticamente, houve apropriação cultural em favor de fatores nacionais e sociais. Tal apropriação, ao mesmo tempo em que nega o colonialismo, traz uma nova síntese, como continuidade da história de cada país africano (ABDALA. 2007. p.87).

A menina Vitória e *As mãos dos pretos*, possibilita a observação da literatura enquanto arte engajada nas causas sociais, pois o objeto literário se abre para a discussão, a partir do traço histórico e social que delineiam as práticas discursivas do texto, ou seja, a relação entre o texto, contexto e situação comunicativa.

A dialética entre o objeto literário, contexto e situação de produção, permite apropriar de um modelo social, cujos elementos desenham os mecanismos presentes na realidade. Assim, a literatura

alimenta-se dos discursos da política, da sociologia, da economia e, não, diretamente dos fenômenos concretos. É das relações materiais entre os homens que aparecem esses discursos que serão mediatizados pela ideologia para, daí, serem objetos de apreensão literária. E a eficácia desse discurso dependerá não propriamente de sua referencialidade imediata, mas de sua *produtividade* (Ibidem, p. 62 [grifo do autor]).



Compreender o engajamento literário é importante para analisar a literatura africana por ser esta uma forma de denúncia ao modelo totalitário em África e às visões criadas sobre os negros. O tema da negritude teve uma importância muito forte no processo de libertação e de constituição da identidade dos países africanos, pois objetivava desmitificar a imagem distorcida construída pelo colonizador. Através dos aspectos apresentados, procuramos, neste breve espaço de discussão, analisar elementos suscitados pelo conto de Luiz Bernardo Honwana e Arnaldo Santos, que no interior desse *macrossistema* analisam a questão da negritude e de como essa temática é acatada pela literatura, propiciando uma reflexão crítica.

Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura, história e política**: literaturas de língua portuguesa no século XX. São Paulo: Ateliê, 2007.

BURKE, Peter. Esteriótipo do outro. In: **Testemunha ocular: historia e imagem**. São Paulo: EDUSC, 2004. P. 153-173

CAMPOS, Josilene Silva. **A historicidade das literaturas africanas de língua oficial portuguesa**. Disponível em: https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/26_JosileneCampos_AHistoricidadeDasLiteraturas.pdf

CHEVALLIER, Jean & GHEERBRANT, Alan. **Dicionário de Símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Colaboração de André Barbault. Coordenação: Carlos Sussekind. Tradução: Vera da Costa e Silva [et. al.]. 17ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

FANON, Franz. Da violência. In: FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 2 ed. Trad. J. L. de Melo. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979, p. 25-32.



HONWANA, Luís Bernardo. As mãos dos pretos. In: HONWANA, Luís Bernardo. **Nós matamos o Cão-Tinhoso**. São Paulo: Editora Ática, 1980. Pg. 75-77

MEMMI, Alberti. Existe o colonial. IN: MEMMI, Alberti. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. 2 ed. Trad. Rolland Corbisier e Marisa Pinto Coelho. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p. 19-32.

SANTOS, A. A menina Vitória. In: SANTOS, A. **Kinaxixe** e outras prosas. São Paulo: Ática, 1981.

